

**MICROPERFORMANCES E EXPERIÊNCIAS ESTELARES:
O VIVIDO NO RELEMBRADO**

JOSÉ LUIZ LIGIÉRO COELHO

Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro**RESUMO**

Microperformances e experiências estelares: o vivido no lembrado - A partir da sua história pessoal, o autor analisa o impacto das mais distintas performances que o atravessaram desde a tenra idade vivida no interior do norte fluminense. Algumas se transformaram em lembranças fragmentadas, as quais ele nominou como “microperformances”; outras, às quais foi exposto e que o marcaram profundamente ao longo do seu trabalho criativo ele as conceituou como “experiências estelares”. A partir destas duas definições é proposto um entendimento sobre a importância das performances culturais na percepção sobre tradições, suas hermenêuticas e suas reais contribuições ao desenvolvimento das performances artísticas. Como contraponto ao vivido e ao lembrado, o autor aponta o pensamento hegemônico incutido na memória social do brasileiro, o qual denomina como “recursos coloniais hospedeiros”.

ABSTRACT

Microperformances and stellar experiences: the lived in the remembered - From his personal history, the author analyzes the impact of the most distinguished performances that have crossed him since his early years in the interior of the north of Rio de Janeiro state. Some turned into fragmented memories, which he termed as “micro-performances”; others, to which he was exposed and which marked him deeply throughout his creative work, he conceptualized them as “star experiences”. From these two definitions, an understanding of the importance of cultural performances in the perception of traditions, their hermeneutics and their real contributions in the development of artistic performances is proposed. As a counterpoint to the lived and the remembered, the author points to the hegemonic thought instilled in the Brazilian social memory, which he calls “colonial host resources”.



À noite, quando fechava os olhos para dormir, as imagens eram revisitadas como lembranças. Aprendia sobre os comportamentos do mundo adulto por meio de fotos, gravuras e histórias em quadrinhos, reprocessando-as dentro de mim como microperformances, encenadas atrás das minhas pálpebras/ cortinas, criando um imaginário extraordinário. Não conhecia ainda o cinema, e o videoclipe não havia sido inventado. Para continuar as muitas coisas que me davam realmente prazer na infância eu crio, somente dou prosseguimento a elas quando estou criando.. (Rio, 2012)*

INTRODUÇÃO

Não importa se primeiramente são performances culturais ou artísticas, ao final das mesmas, consciente ou inconscientemente, escolhemos uma ou várias partes dos momentos que vivenciamos como espectador para guardar na memória. Inúmeros fatores determinam porque algumas performances sensibilizam mais que outras a um indivíduo ou a um grupo de pessoas, mas listá-los não é o nosso objetivo aqui, queremos é entender o que há de comum nesta forma particular de captar, de reter o que nos é apresentado e processar como uma percepção do mundo que passamos a nomear e a reproduzir à nossa maneira. Muitas vezes, a lembrança fica adormecida durante muitos anos, mas uma vez mobilizada por algum evento externo, emerge de forma inteira, como um peixe grande que salta do lago em repouso e remexe as águas, onde, na verdade, abaixo da linha da superfície, ela

sempre esteve em movimento. Isso se aplica também à lembrança das histórias que nos são contadas por palavras e/ou imagens, desenhos animados, vídeos e filmes. O fato é que muitas histórias ou memórias de eventos e imagens impactantes que vivenciamos ficam retidas, ora numa camada superficial do inconsciente em que a qualquer hora mostram-se disponíveis e podem facilmente ser integradas ao nosso arsenal linguístico, ora se encravam em lugares mais recônditos e emergem quando menos esperamos, muitas vezes com uma vivacidade e frescor inusitados. Neste sentido, algumas delas podem se encaixar na história exemplar egípcia oferecida por Walter Benjamin, quando comparadas “aos grãos de cereal que, durante milhares de anos foram conservados hermeticamente fechados nas câmeras das pirâmides e que mantêm, até os dias de hoje, a sua força germinativa”**. Ora guardada como uma cena curtíssima – a qual defino como “microperformance” ou longa, como um enredo com diversas

* LIGIÉRO, Zeca. Inédito, 2012.
** BENJAMIN, Walter. “O Narrador – Reflexões sobre a obra de Nicolai Leskov”. In: Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2012, p.34.



lâminas sobrepostas ou projetadas em sequência, o fato é que uma vez acionadas, estas microperformances se apresentam em sucessivas cadeias de associações. Só poderemos saber exatamente o que se passa na mente do indivíduo se ele se dispuser a recontar a história vivida ou a ele contada, a ponto de retê-la em suas minúcias. E nesta nova situação, ao performá-la para o outro, o sujeito sai do papel de mero espectador e passa a ser, simultaneamente o narrador, o protagonista e o autor da história. E, então, cria a ficção da própria memória enquanto a transforma em uma performance.

Neste sentido, o sujeito pode repetir a história conforme a ouviu, transmitindo também as sensações vividas, procurando apresentá-la verossimilhante ao que apreendeu e, assim, mimeticamente concordar com a forma deste conteúdo que lhe foi transmitido, ou, ao contrário, experimentar uma espécie de consciência crítica, passando para outro estágio, ao interpretar por sua conta e risco, a história vivenciada em conjunto com todas as sensações. Isto seria feito não só por meio da reprodução mimética, mas acentuando determinados aspectos em detrimento de outros, menos relevantes para a compreensão do todo que se quer passar para o outro, inserindo seus próprios comentários (por meio de

expressão corporal, facial ou vocal) sem, contudo, acrescentar uma fala crítica.

“As performances funcionam como atos de transferências vitais” como afirma Diana Taylor* ao retrabalhar um conceito criado por Paul Connerton**. É neste sentido que quero avançar para procurar entender como as lembranças mais profundas do convívio social com os festejos populares e rituais religiosos da infância, podem permanecer como leitmotiv não somente para o grupo que comunga estas tradições, mas também aqueles que tiveram seus caminhos cruzados por essas tradições e que a elas foram expostos passando, desde então, a se identificar. Alguns destes contatos lúdicos e religiosos atingem tal intensidade na vida de comunidades e indivíduos, que parecem ressuscitar antigos arquétipos ou vivências ancestrais, confirmando-se dentro de nós como dinâmicas adequadas à nossa maneira de sentir, se encaixando, muitas vezes, harmoniosamente a nossos modos de vida ao longo de nosso desenvolvimento pessoal e coletivo. A essas eu defino como “experiências estelares”.

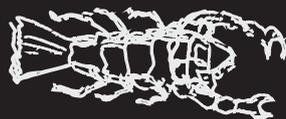
Ao presenciar na infância o estado alterado da consciência estimulado por um feérico espetáculo de circo ou a um maravilhoso desfile de escola de samba ou



mesmo o êxtase religioso nos templos e terreiros com seus ritmos, danças e cantos próprios, o indivíduo vive um momento, que pela sua potencialidade pode se tornar uma experiência estelar, que permanece a lançar luz durante muitos anos após o acontecimento e a provocar insights artísticos ao longo de nossas vidas. Para melhor compreender esta ideia, proponho explicá-la a partir de minhas próprias vivências.

Em adição, se trabalhei apenas com os aspectos sensíveis da experiência da microperformance e das experiências estelares, que acontecem indistintamente na vida do indivíduo, por outro lado podemos apontar o modo como a própria sociedade, conhecedora dos mecanismos da apreensão cognitiva, emprega todos os meios, utilizando-se de dispositivos para controlar quais performances (macro e micro) devem ocupar a área nobre do cérebro, enquanto outras devem ser apagadas ou mesmo não mobilizadas sob o risco de trazer de volta um pensamento crítico indesejado. Algumas vivências da infância, se espelham no que vemos, no que ouvimos e passam a acompanhar a nossa história de vida muito antes do processo de alfabetização; essas pertencem a um estrato comum de conhecimentos prévios veiculados pelos meios de comunicação dentro da sociedade de consumo de nosso

país, que sobrevivem ao tempo, desde nossa infância, porque são reproduzidas mecanicamente em vários lugares do mundo e assim preservadas, muitas vezes, às outras gerações (como são, por exemplo, certos personagens de Walt Disney). Muitas vezes, nos apropriamos delas como se fossem nossas, a tal ponto que passam a fazer parte de nosso imaginário, esquecendo-nos, por vezes, que não foram inventadas por nós mesmos, mas programadas para nos influenciar pelos sentidos. Tornam-se organismos hospedeiros, porque em algum momento nos sentimos representados nelas, chegando a percebê-las como parte de nosso próprio organismo, já que outros indivíduos e grupos de indivíduos passam a hospedar também semelhantes memórias (felizmente somos muito mais do que consideramos ser ou o que aparentamos ser para nós mesmos!). Estas imagens e experiências de acesso ao mundo midiático carregam os valores e preconceitos que, como vírus, se alojam também em nossa memória. Algumas delas ajudam a entender que nosso livre arbítrio é também limitado porque, concomitantemente ao nosso sentir pela primeira vez, uma memória coletiva já está sendo engendrada pela Indústria Cultural, ainda penso em Adorno (ADORNO, 2002) desde nossa tenra infância, nos fazendo acreditar que nossos



* Ainda penso na atualidade do livro de Adorno e, especialmente, um de seus capítulos – Theodor Adorno e Max Horkheimer A indústria cultural – o iluminismo como mistificação das massas. In: Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002; com todas as implicações surgidas na pós-modernidade, essa ainda é uma reflexão importante.
** MANSANO, Sonia Regina Vagas. “Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade”. In: Revista de Psicologia da UNESP. São Paulo, UNESP, 8 (2). 2009, P. 110.

sentimentos são escolhas quando na realidade são um processo de luta contra os condicionamentos propostos pelo mercado e pela indústria de divertimento*. Neste sentido: “Tudo o que é do domínio da surpresa e da angústia, mas também do desejo, da vontade de amar e de criar deve se encaixar de algum jeito nos registros de referências dominantes” (GUATTARI & ROLNIK, 1996:31). Como aponta Mansano em relação à abordagem de Guattari: “Assim, à medida que essas referências são fortalecidas, elas travam uma verdadeira luta para abafar aquilo que Guattari denomina como “processos de singularização”**.

Portanto, paralelo às “microperformances” ou “experiências estelares”, que muitas vezes ficam armazenadas, aparecendo esporadicamente em nossas vidas, existe todo um filtro ou barreira, que eu chamaria de “recursos coloniais hospedeiros”, que na maioria dos casos as reprime e acaba se transformando num grande centro de referência, capaz de reduzir as profundas experiências à formas rápidas de algo leve e objetivo, cuja função prática é criar o desejo imediato da compra e da venda, do que vale e do que não vale, do certo e do errado, com uma ascendência de julgamento moral que se sobrepõe à sensibilidade individual e suas lembranças



genuínas. Muitas vezes, colam-se à nossa própria maneira de pensar, pois se hospedam trazendo todos os preconceitos das gerações anteriores com as quais construímos nossa maneira de ver o mundo, já que elas fazem parte da nossa relação com a herança colonialista de nossa sociedade. Guattari pondera sobre a questão dos “processos de singularização” como forma de enfrentamento, desvio, “escapatória frente às tentativas de traduzir a existência pelo crivo dominante do capital”*:

◊ que chamo de processos de singularização é algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam por todos os lados. (GUATTARI & RÖLNIK, 1996:47)

Para melhor exemplificar o assunto, mergulho nas lembranças de minha infância na esperança de que, ao examinar a particularidade de uma história pessoal, possa de alguma forma revelar traços que pertençam a uma geração de jovens vindos do interior para a cidade grande e, quem sabe, possa representar também uma geração de brasileiros, de latinos, de afro-brasileiros, ameríndios ou ainda na indefinição ainda sobre nossa

ancestralidade e nossas identidades.

OS QUATRO CANTOS DO MUNDO

Antes do cinema, da televisão ou mesmo do rádio e da revista em quadrinhos, dois tipos de performance marcaram definitivamente minha infância: a que se podia ver e a que se imaginava. Primeiro foram as performances culturais: como o circo, a escola de samba, a folia de reis e a procissão católica, que de tal maneira me marcaram, que as classifico como “performances estelares”, já que se apresentam ao longo de uma história de vida periodicamente marcando ciclos, cerimônias, etapas, ritos. Em segundo, refiro-me à uma outra experiência, eminentemente visual, em alguns casos levada a cabo de forma dirigida pelos pais e educadores, às quais quase todas as crianças são submetidas: a das reproduções de imagens por desenhos e fotografias, principalmente a partir de revistas e livros. Embora não pertençam especificamente ao ramo da performance terão, sem dúvida, uma importância enorme, pois se configurarão como um campo de memória coletiva.

No meu caso, imagens gráficas, fotos de revistas e revistas em quadrinhos, diariamente traziam-me uma rica e surpreendente mitologia, com a qual eu



interagia mesmo antes de aprender a ler, por meio de fragmentos de comportamentos capazes de influenciar e estimular reações. Mesmo que inanimadas, muitas vezes acionadas como performances, ganhando vida e ação, completando a potencialidade expressa por suas linhas, sombras e cores, dando vida às figuras e ambientes bidimensionais.

Ambas as performances – as vistas e as imaginadas – compõem um arsenal imagístico e sensorial que levamos a pensar em uma tela da memória, onde aconteceriam as microperformances compostas, então, de um formidável arquivo do que assistimos ao vivo, na TV, no cinema e na internet, constituindo-se numa espécie de manancial do que nossa sensibilidade entende como sendo nosso, mesmo que, erroneamente já que, na maioria dos casos, estamos reproduzindo

de forma bastante tradicional os estereótipos humanos que apreendemos de tudo que vimos, ouvimos e lemos, e ainda assim nos considerando inovadores e inventivos.

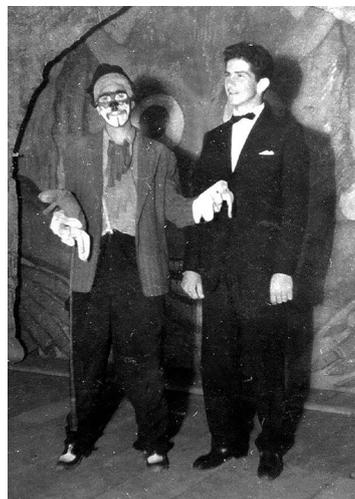
As performances culturais ativavam todos os meus sentidos. Enquanto as imagens atiçavam minha imaginação. Meu objetivo aqui é examinar o impacto de cada uma delas mais de cinquenta anos depois do primeiro encontro.

A BOCA DO CIRCO E O REQUEBRO DA DANÇARINA

Estávamos entrando na segunda metade do século XX, mas eu parecia viver ainda na época do Brasil rural do final do século XIX em Laje do Muriaé, uma pacata e isolada cidade do Norte Fluminense.



Vilma e Adelaide Campgnoli



Tetéia e Fernando



Adelaide de rumbeira
(Cortesia Acervo Família Campgnoli)



Dentre todos os circos que passaram pela minha cidade, fui marcado, sobretudo, pelo Circo Irmãos Campagnoli, por várias razões. Estacionado no terreno em frente à praça principal da cidade, ao lado da morro da Igreja, o circo centralizava as atenções de todos. Suas performances quebravam o cotidiano da pequena cidade com luzes, sons, números imperdíveis, palhaçaria e no final dramas encenados pelos mesmos familiares que faziam os números circenses. Primeiro, os números hilários da dupla formada por Fernando, o apresentador, e o palhaço Tetéia, com seu cachorro de pano, impagáveis! Mas o grande impacto foi a performance de Adelaide, o diabo loiro, a primeira mulher de pernas de fora, dançando e incorporando uma rumba cubana vestida com aqueles babados todos, solta e insinuante a poucos metros dos meus olhos. Com sua irmã morena, Vilma Campagnoli fazia outros números sensacionais como as “índias”. Havia ainda a grande atração, a última parte, o circo-teatro: O céu uniu dois corações, O direito de nascer, O ébrio, um repertório variado. Os moradores receberam tão bem o circo, que este ficou lá por muito mais tempo, para mim passou a fazer parte do local pra sempre. A cidade que passou a habitar a minha mente, como lembrança do que vivi naquela época, tem sempre o circo e não o prédio horrível que foi construído

lá para abrigar a prefeitura alguns anos depois. Quando o circo partiu, deixou uma tristeza enorme. Todos, assim como eu, queriam ir embora com ele e seguir para sempre aquele universo mágico. Foi a primeira vez que vi dramas encenados por palhaços, bailarinas e trapezistas. Como os atores eram meus vizinhos pude, pela primeira vez, conviver um pouco com o artista no seu dia a dia e depois vê-lo sobrevoando o céu da lona ou dançando e cantando as músicas latinas que passei a amar desde então. Gente de circo que fazia teatro, ou gente de teatro que fazia circo. Me fascinou, e acendeu uma chama de desejo dentro de mim.

A DANÇA DO CORPO NEGRO

No carnaval, a monotonia da cidade era quebrada novamente. Depois de ouvir o rufar dos tambores ao longe, eu corria para janela da sala e ficava esperando passar a Escola de Samba Unidos do Rosário. A escola era pequena, uns vinte ou trinta foliões, e mais uns dez percussionistas, quase todos afrodescendentes, e comandada por Luiz Paca, branco, sapateiro e fundador do Clube Bola Preta, criado para os negros que não podiam entrar no Clube Recreativo e Esportivo Lajense, o CREL, reservado para as seletas famílias da cidade (no caso, apenas os que se consideravam ou eram



considerados brancos). A Escola de Samba era um festival de cores, ritmos, odores, brilhos e passava bem na hora que era para eu ir para cama, mas me despertava! Eu sempre tinha uma sacola cheia de serpentinas coloridas e outra de confete. Brincava de jogar, ora um, ora outro, mas não iam muito longe. A sorte é que a janela era alta e os meus petardos caíam sobre o desfile. Eu via o confete grudar naqueles corpos suados, vestindo sempre roupas coloridas de cetim em vermelho, preto, azul, amarelo; no meio do desfile destacava-se a principal (a única talvez) passista, a carioca que todos batizaram como “Tirolesa”. Talvez no Rio, ela fosse mais uma de uma escola qualquer, mas lá era uma verdadeira rainha, ou melhor, a “rainha do samba”. Tirolesa vinha do Rio para abrilhantar a escola; era uma mulher forte com sobrepeso, linda, negra de pele azulada, e tinha um perfume incrível e rodopiava e dançava como ninguém. Para mim, “Tirolesa” era alguma coisa como sinônimo de beleza negra em explosão, só muito mais tarde fiquei sabendo que “tirolesa”, na língua portuguesa, significava “mulher nativa da região do Tirol”. A língua portuguesa não soube ainda da existência da verdadeira e única Tirolesa! Perguntando descobri que ela passara a ser chamada assim pelos moradores locais por causa de uma fantasia que ela havia usado em um dos seus primeiros carnavais,

quando trocara o carnaval do Rio pelo da nossa cidade. Para mim, Tirolesa e Adelaide eram as mulheres mais lindas do mundo, porque tinham uma liberdade com o corpo que eu nunca havia visto naquele lugar! Cada uma delas deixava o prazer fluir em seus gestos e movimentos, o corpo vibrava em alegria e tinham algo que desde logo aprendi com os foliões e brincantes: uma capacidade enorme de jogar, de se deliciar com a dança, o canto, o ritmo, o batuque. Seus corpos acreditavam que a liberdade é possível. Sim, o corpo brincava com a música, com a dança, com quem estava em volta assistindo e participando à sua maneira. O picadeiro forrado com serragem ou palha de arroz ou o palco das tábuas machucadas de tanto serem montadas e desmontadas pelo circo, ou ainda, sobre a rua de barro seco pisado, cuidadosamente molhada um pouco antes do desfile, para não levantar muita poeira e assim garantir uma melhor performance do samba, esses eram os espaços destas mulheres-símbolo. Essas mulheres reinavam, cada uma no seu elemento, e continuam absolutas no meu teatro da memória.

A PERFORMANCE DA DOR MORTAL

Já a lembrança das procissões católicas trazem um outro tempo, embora cronologicamente ele transcorresse



concomitantemente às experiências narradas anteriormente. Era o momento que o sagrado saía do seu templo amplo erguido no alto do Morro de Santo Antônio, de onde o soberano reinava sobre a cidade, performando para os espectadores suas relíquias e suas mitologias judaico-cristãs-romanas, conduzindo antigas imagens descascadas, mas vestidas “decentemente” em tecidos vivos de cetim, veludo, bordas douradas e adornadas com perucas de cabelo natural. A procissão fagocitava quem encontrasse pelo caminho para dentro do seu cordão, com a voracidade da fé das irmandades e dos seus fiéis apaixonados. Os santos pareciam embalsamados em incenso; saíam para o seu passeio noturno, se expondo ao sereno da noite para caminhar lado a lado com os fiéis. Neste momento singular de celebração, os moradores da Rua de Baixo e os da Rua de Cima, todos descendentes dos fundadores da antiga comarca, enfileiravam-se em cortejo e, depois, se chegavam os negros, descendentes dos antigos escravos daqueles senhores fundadores, vestidos com a melhor roupa de que dispunham, embora continuassem descalços por lhes faltar meios/condições de vestir seus pés. Estes, vindos do alto dos morros de onde moravam, faziam engordar a grande jiboia santa e mansa que escorria pela rua para, então, junto de quem os oprimia no dia-a-dia, caminhar

lado a lado como filhos de um único Deus: o dos opressores e dos oprimidos. As imagens sempre sérias, compenetradas, mostrando o sofrimento eterno, o sangue em borbulha coagulada, feridas abertas, a dor contida num grito abafado, para que lembrássemos sobre um Deus que protege os que sofrem, porque eles também estão numa situação de desespero.

A procissão de Corpus Christi, a mais concorrida, era também a mais dramática, com Madalena de cabelos longos segurando a toalha com seu próprio rosto pintado nela, como se fosse possível pintar um retrato com lágrimas de arrependimento. Tudo me causava estranheza e uma inusitada sensação de beleza do horrível. Patético era ainda o enfermeiro do posto de saúde (que aplicava vacina de praxe nos recém nascidos) e o açougueiro (que gostava de briga de galo) andando em ziguezague em volta do Senhor, fazendo o coro de centuriões romanos, com elmos de prata e com um saiote curto branco e dourado, deixando aparecer suas pernas cabeludas. Cristo também era representado, por alguém que não expunha o rosto, talvez de tão compenetrado que estava para mostrar como sofre bem ou por pura timidez ou, ainda, devido à tamanha quantidade de cabelo da peruca que trazia amarrada com uma enorme coroa de espinhos. Era



* O Boi Pintadinho é descendente do Bumba-meu-Boi ou mesmo uma variação deste; presente no norte-fluminense. É acompanhado de uma mulinha e um conjunto de músicos e dançantes.
** Cortejo, formada por duas filas que entoam uma canção enquanto batem o bastão no chão; intercala-se com o companheiro da frente, de trás ou do lado, a batida entre os bastões. Muito popular no norte-fluminense, o Mineiro Pau aparece, principalmente, nos festejos carnavalescos.

bonito ver a performance da seriedade, a cantoria de Ave Marias acompanhada do repicar dos sinos. Quase sempre encerrando o cortejo, vinha a Banda de Música 15 de Novembro, “a furiosa”, toda uniformizada em cáqui com detalhes em vermelho e botões dourados, tocando aqueles dobrados tristes e fúnebres. Nas duas filas indianas, cada fiel segurava uma vela. Em um ano qualquer daqueles, tivemos a visita dos Capuchinhos, que introduziram a novidade do castiçal de bambu, com papel celofane em forma de cone em torno da vela, em vermelho e amarelo. A procissão foi ganhando uma dimensão fantasmagórica, se espichando pelas ruas mal iluminadas, como uma cobra de luz e som. Como eu não podia participar, quis logo me tornar um cristão para acompanhar de perto aqueles movimentos todos. Às vezes, deitado no meu quarto, no silêncio da noite, ouvia o ricochetear do som trazido pelas águas do rio Muriaé, que também sinuoso como a procissão trazia a cantoria para bem perto da minha lembrança. E cobria meu corpo com aquele lençol de preces e cânticos sagrados.

Presenciei muitas vezes, a interrupção da procissão para a passagem de um veículo. Nessas ocasiões Juvenal, o bobo, começava a apitar freneticamente como um guarda de trânsito de cidade grande, só que para um ou outro carro

da meia dúzia que existia na cidade. No carnaval, tentava fazer o mesmo com os blocos e escola de samba. Seu apito se confundia com os vários apitos: o da Escola de samba, o do Boi Pintadinho*, o do Mineiro Pau**. Era um momento em que o louco, parecia liderar alguma coisa que escapava do controle daquela cidade marcada pela separação de classes e raças, pelo autoritarismo das famílias e a onipresença da igreja católica.

CONSIDERAÇÃO AVULSA

Naturalmente, estas performances têm distintas origens e pertencem a contextos múltiplos (analisadas em outros artigos), mas dentro de minha ótica infantil este era o mundo que chegava de fora e que não pertencia propriamente ao da minha família que se dizia católica, mas não frequentava a igreja, e que fazia questão de se distinguir dos pobres e dos negros, e de todas as manifestações populares. Estas performances de alguma forma passavam pela minha porta e eram visíveis para todos, públicas. Eu participava delas como um simples espectador. Não, pensando melhor, não era um simples espectador, eu simplesmente me transportava para outros lugares muito distantes, talvez, para verdadeiramente os lugares onde realmente eu parecia me encontrar mais profundamente.



* Em julho de 1954, Martha chega aos Estados Unidos e pesquisas já a consideravam eleita a Miss Universo. Martha ficou em 2º lugar e diz a lenda que a perda do o título de Miss Universo para a americana Miriam Stevenson se deveu a duas polegadas a mais nos quadris. O segundo lugar deu à Miss a fama absoluta. Depois do concurso, Martha Rocha tornou-se referência nacional de beleza. PESSOA, Ida. Martha Rocha - uma autobiografia. Editora Objetiva, 1999.

AS IMAGENS DO MUNDO NA SACOLA

Quase que na mesma época, comecei a entrar em contato com o mundo das imagens gráficas, impressas, dos almanaques. Capivarol, Biotônico Fontoura, e outros que chegavam na farmácia do meu avô anunciando novos produtos com lindas mulheres na capa. Também vinham piadas, ilustrações, historietas.

Ainda mais poderosas, as revistas de história em quadrinhos que mais me informavam sobre os perigos do mundo numa linguagem que me fascinava, eram trazidas por meu pai quando voltava de viagem, ele também um leitor dos quadrinhos. Não havia banca de revistas na cidade, estas eram trazidas por um senhor grisalho, a barba sempre por fazer, com um boné na cabeça, muito falante, que tinha o apelido de Pepino e se vestia invariavelmente de roupa caqui com muitos bolsos. Vinha cheio de coisas para vender, além de embornal e mochila, tinha ainda tinha cestas repletas de produtos. Ele vinha de Itaperuna – RJ, no ônibus das 9:30 da manhã e partia de volta no das 15:30, que vinha de Muriaé – MG. Descia na praça e vinha caminhando em direção à Rua de Baixo, que tinha o nome

imponente de um dos três José, (Garcia Pereira, Ferreira César, Bastos Pinto) fundadores da antiga comarca de Nossa Senhora da Piedade de Laje do Muriaé, mas o povo conhecia mesmo como “Rua de Baixo” e “Rua de Cima”; havia mais uma rua que não entra nesta história que é a “Rua do Sapo” porque bordejava um córrego. E lá vinha o Pepino, carregando as suas frutas, revistas e jornais, gritando: “Maçã, pera...(elas vinham embrulhadas num papel roxo macio...e como cheiravam bem!) “Olha o Cruzeiro, Fatos e Fotos, olha o bilhete premiado, loteria federal... olha o Gibi. Quem vai querer?”. “Gibi”, era esta a palavra mágica! Queria ver as revistas, queria folhear, elas tinham até um cheiro bom...queria descobrir o que estava acontecendo com os meus heróis em suas lutas diárias contra os peles-vermelhas, os bandidos, as tribos guerreiras da África, os piratas. Da mesma forma que as notícias chegavam sobre a construção de Brasília, explicavam como foi possível Martha Rocha perder o concurso de Miss Universo*, eu queria saber o que estava acontecendo com Zorro, Fantasma, Tarzan, eles eram tão vivos na minha imaginação! Mesmo antes de aprender a ler, eu via a revista toda, manuseava várias vezes e, depois, pedia para alguém ler as descrições e os diálogos para melhor entender o que se passava.



Como na época ninguém me alertou para aquela ficção tendenciosa e parcial, demorei muito tempo para me desapegar dos meus heróis exploradores de negros e indígenas. Achava que era natural toda discriminação que ali havia, pois afinal eles eram parte de um mundo que conheci como sendo “mais primitivo e selvagem” lugar de bandidos e saqueadores de caravanas.

A BALA DE PRATA, O GOLPE DE MÁGICA E O SOCO DE CAVEIRA

Meus heróis favoritos eram (não necessariamente nesta ordem) Zorro, Fantasma e Mandrake. Havia outros também como Flash Gordon, Capitão América, Roy Rogers...gostava também do Tarzan. Alguns traziam uma visão incrível da África como o continente habitado por animais ferozes e tribos perigosas, antropofágicas e que tinham implicância com os visitantes estrangeiros (não entendia que esses heróis brancos eram os colonizadores que vinham em busca de terras e riquezas que pertenciam aos nativos africanos e indígenas). Claro, nestas histórias havia bons africanos também, os que sempre ajudavam os heróis americanos ou os europeus (brancos). Enquanto os outros, a maioria da população de africanos e peles-vermelhas

* O seu criador, Lee Falk, originalmente previu um uniforme cinza, mas quando a primeira edição dominical colorida saiu, por problemas gráficos, a cor era roxa e assim foi mantida. O Fantasma carrega ainda duas pistolas calibre 45 no seu cinturão de couro preto, com uma fivela imitando uma caveira, a sua marca recorrente. A sua base é a caverna da caveira, depósito de grandes tesouros e das Crônicas do Fantasma. Ele dedica-se a combater os piratas Sigh, sendo também o comandante secreto da Patrulha da Selva, que o ajuda em suas missões. Ao contrário de outros super-heróis, ele não tem superpoderes, apenas grande habilidade física, destreza com armas e agilidade. Na selva, ele é conhecido como O Caminho, O Espírito-que-Caminha ou ainda O Espírito-que-Anda, por ter sido visto por gerações de nativos das tribos Longo e Wambesi. Isto se dá por ter sido precedido por vinte gerações anteriores de combatentes do crime. <http://www.deepwoods.org/phantom.html> consultado em 26 abril /2019.

MAN ZUÁ



D O S S I Ê V I R A D A A F E T I V A

era representada como temíveis, ajudando sempre os bandidos e os piratas.

Fantasma, com sua roupa de malha vermelha, algumas vezes roxa, é um misterioso morador de uma caverna que esconde um tesouro no meio da floresta*. Um homem branco perdido entre os selvagens. Seu fiel amigo é o pequeno Guran, de uma tribo desconhecida de Bandar, chefe dos pigmeus e protetor das florestas de Bengala (os nomes referem-se ao Congo, Angola, mas também misturam-se com os da Índia). O principal símbolo do Fantasma é a caveira, presente em seu cinturão e em seu anel, cujo soco potente a deixa cravada em baixo relevo na cara do inimigo.

O outro herói, com características totalmente diferentes por não usar as habilidades físicas nem manejar o revólver, era o mágico Mandrake, que tinha como companheiro de aventura e segurança pessoal o brutamente africano Lothar. Em qualquer lugar por onde andava, o mago estava sempre usando o seu impecável fraque, cartola e capa negra, enquanto o seu guarda-costas, grandalhão e careca, algumas vezes com seu gorro muçulmano, vestia-se apenas com um short collant e uma camiseta de leopardo com somente uma alça, continuando



* Mandrake foi criado por Lee Falk (que também criou o Fantasma) em 1934, desenhado por Phil Davis e distribuído pelo King Features Syndicate.

** <http://www.toonopedia.com/mandrake.htm> consultado em 26 abril 2019

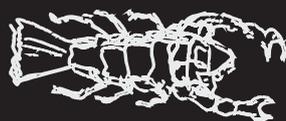
sempre descalço, mesmo quando visitava países da Europa em pleno inverno*. Mandrake o conheceu durante suas viagens à África. Lothar era “Príncipe das Sete Nações”, uma poderosa federação de tribos da selva, que se abstera de tornar-se rei para acompanhar Mandrake em suas viagens pelo mundo (será que Mandrake fez alguma de suas mágicas ou foi feitiço mesmo?). Lothar estreou nos quadrinhos junto com o patrão em 1934**.

É claro que as primeiras imagens da África em minha mente foram produzidas pelos desenhistas dos quadrinhos. Era um continente de florestas densas e perigosas, com grandes rios repletos de crocodilos e enormes cobras, leopardos e leões, animais guerreiros e sanguinários. Uma África imaginada pelos norte-americanos que nós, latino-americanos, nos acostumamos a consumir e adotar como sendo de nosso próprio imaginário.

Além dos mistérios da África, outra região que se tornou muito conhecida na minha imaginação foram os grandes desertos do oeste dos Estados Unidos, com suas montanhas elevadas, os cânions, suas cascavéis perigosas e o terror maior de toda “mocinha” que andava de diligência: os apaches sanguinários, todos eles classificados indistintamente

* O Lone Ranger é um famoso cowboy fictício do rádio, cinema e televisão, criado por George Washington Trendle e equipe, e desenvolvido pelo escritor Fran Striker. A palavra Ranger causou dificuldades de tradução já que o significado original (policia rural do Texas) não fazia sentido em português. Nas versões mais recentes, o cowboy é chamado de “O Cavaleiro Solitário”, mas no Brasil ficou conhecido, durante muitos anos, pelo nome de Zorro (outro personagem, herói de capa e espada) e em Portugal como Mascarilha, devido à máscara negra que nunca tirava do rosto. <http://www.dynamite.com/htmlfiles/viewProduct.html?PRO=C106777> Página visitada em 28/01/2010. Para não haver confusão, a EBAL publicava na capa Zorro Capa & Espada, para diferenciar do “Zorro” cowboy (verdadeiramente conhecido como The Lone Ranger ou “Cavaleiro Solitário”), que a editora também publicava na mesma época. Em meados dos anos de 1980, a EBAL encerrou suas publicações. <http://www.graphiqbrasil.com/cartunistas/alextoth.html>. Página consultada em 26 abril 2019.

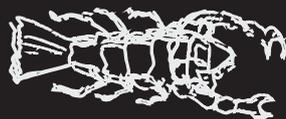
MAN ZUÁ



D O S S I Ê V I R A D A AFETIVA

como “peles-vermelhas”. Muitos heróis apareceram e sumiram como Hopalong Cassidy, Cavaleiro Negro, Roy Rogers, todos na categoria de “mocinho” e defendendo a ordem na cidade, com muitos duelos difíceis, enfrentando “os bandidos”, em que ao final salvavam a eterna namorada, sempre chamada de “mocinha”. Meu herói predileto do velho oeste era o Zorro, que originalmente se chamava Lone Ranger*. Um verdadeiro policial do faroeste que usava balas de prata e uma máscara negra para combater tanto os assaltantes de banco, como os indígenas insurgentes, que roubavam as diligências de ricos comerciantes ou mesmo trens pagadores. Zorro tinha como ajudante (um simples empregado, mas que agia como fiel escudeiro) um índio chamado Tonto, que tinha cabelos longos e vestia roupa de couro com franjas. Por que ele era chamado “Tonto”? Talvez de “tonteria”, que significa bobagem, em espanhol? Ou seria “tonto” no sentido de bêbado, em português? Ou os dois?

Nas revistas dos meus heróis existia sempre a idealização de um amigo protetor (negro e ou índio) que se ocupava da parte pesada do trabalho, como carregar malas, selar cavalos, montar sentinela a noite, etc. Em todos os casos, os africanos e ameríndios eram



* CASA EDITORA VECCHI. Locomoção através dos tempos. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1958.
 ** CASA EDITORA VECCHI. Ídolos da tela. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1953.
 *** CASA EDITORA VECCHI. Raças e Costumes no mundo inteiro. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1958.
 **** AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS. Raças Humanas – Coleção Cultural. Portugal: Agência Portuguesa de Revistas, 1956.
 ***** EDITORA BRUGUERA. Razas Humanas. Espanha: Editora Bruguera, 1955.

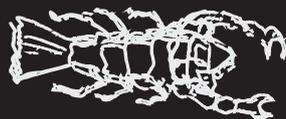
apresentados como empregados à serviço dos heróis euro-americanos. Estas ideias eram mostradas como uma hierarquia natural, fruto de um processo evolutivo das sociedades, na qual o europeu ou norte-americano representava o conquistador, o colonizador, aquele que vai promover o progresso econômico que eliminando os inimigos promoveria a harmonia social. O herói branco lutava contra os bandidos perigosos, piratas, malfeitores, ladrões etc. Estes geralmente representados como negros e índios, ou brancos barbudos, gordos, mal vestidos, sempre de aparência feia em contraste à beleza e a impecável elegância dos heróis anglo-saxônicos. Foi desta forma que fui iniciado às populações africanas e ameríndias, antes mesmo de conhecer a quintessência desta ideologia – a produção cinematográfica e videográfica exportada por Hollywood e imposta pelo mercado ocidental de distribuição destes produtos. Os filmes eu já começara a assistir na época em que consumia as revistas, mas as imagens gráficas ficavam ao lado da minha cama, e por uma razão afetiva, muita mais perto do meu imaginário ao qual podia recorrer várias vezes, inclusive voltar para finalmente, após minha alfabetização, ler as histórias das revistas prediletas que a esta altura, já estavam bem amassadas e desbotadas, eu diria mesmo ensebadas com pelo uso.



* CASA EDITORA VECCHI. *Locomoção através dos tempos*. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1958.
 ** CASA EDITORA VECCHI. *Ídolos da tela*. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1953.
 *** CASA EDITORA VECCHI. *Raças e Costumes no mundo inteiro*. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1958.
 **** AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS. *Raças Humanas – Coleção Cultura*. Portugal: Agência Portuguesa de Revistas, 1956.
 ***** EDITORA BRUGUERA. *Raças Humanas*. Espanha: Editora Bruguera, 1955.
 ***** MIMOSO, João Manuel. *A agência portuguesa de revistas, a ideia que valia milhões (1956-1957)*. disponível em: <<http://www.historia.com.pt/APR/APR5.htm>>. Acesso em 3 de abril de 2019.

O MUNDO EXÓTICO DAS RAÇAS E COSTUMES

‘Outra coisa que me marcou nesta primeira infância foram os álbuns de figurinhas. Tratava-se de uma forma de conhecer o mundo que estava além das “grandes” cidades de Itaperuna e Muriaé, as mais próximas (e distantes) que eu conhecia. Colecionei figurinhas de alguns álbuns lançados na época como *A Locomoção através dos tempos** e *Ídolos da Tela***, mas nenhum me fascinou mais do que *Raças e Costumes no mundo inteiro****, que me ensinou sobre a diversidade das etnias e seus distintos comportamentos. O álbum foi publicado no Brasil, em 1958, uma edição aumentada da anterior, que havia sido lançada em Portugal, em junho de 1956**** e cujo original fora criado pelo artista Vicente Rodriguez e lançada na Espanha em 1955*****. As edições foram sendo modificadas de acordo com os países, em Portugal “*Raças Humanas* foi lançada com seis cromos substituídos por outros que ilustravam tipos regionais portugueses, sendo a primeira de várias coleções espanholas a ser adaptada à realidade local. Foi um sucesso extraordinário, tendo-se mantido como um dos best-sellers da Agência até início dos anos 60”*****. No Brasil, em vez de 128 cromos originais, foram publicados



209 cromos, incluindo personagens brasileiros e mapas de cada continente, inexistentes nas outras edições. Apesar desta inclusão do contexto local, o álbum reflete ainda um mundo anterior à Segunda Guerra Mundial, uma Europa idealizada como continente colonizador e o resto do mundo como exótico, inculto e com traços identitários bem característicos. Os tipos mostrados apresentam o caleidoscópio de um mundo inusitado, belo, multicultural e harmônico, destacando as etnias com seus hábitos, como as exposições coloniais que foram organizadas na Europa pelos países colonizadores com os “primitivos dos outros continentes” que entrei em contato somente muitos anos mais tarde. Estas recriavam templos e ambientes típicos de seus respectivos países-colônia e demarcavam o poder colonial sobre a diversidade do planeta. Graças ao milagre da internet, consegui readquirir um álbum completo da versão brasileira e também encontrar e adquirir, em uma feira de livros usados no Bairro do Chiado, quase em frente ao café “A brasileira”, que Fernando Pessoa frequentava em Lisboa, a versão portuguesa do mesmo. O álbum em espanhol está à venda também na internet, mas é basicamente o mesmo álbum editado em Portugal. Interessante notar esta fluência de mercado editorial da década de sessenta entre Espanha,

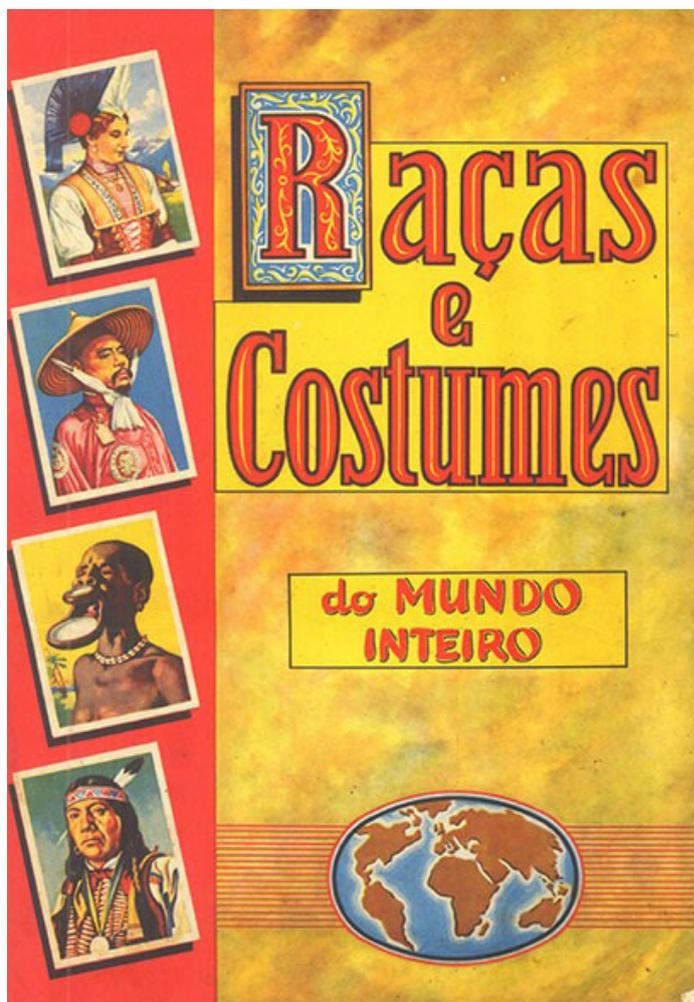
Portugal e Brasil, por meio do qual vamos observar, nos anos subsequentes, cada vez mais o domínio sobre a produção da indústria cultural norte-americana, com importação de suas principais revistas em quadrinhos e publicações congêneres.

Na época, o que chamava atenção do álbum era o colorido de seus cromos, o desenho bem executado, algumas vezes bem realista e a curiosidade de imaginar gente tão diferente das que eu conhecia vestindo roupas tão estranhas aos meus hábitos; o cotidiano deles me parecia uma coisa extraordinária. Por outro lado, na época, nada do texto me chamou atenção em especial. Hoje, percebo o festival de preconceitos que ele traz, demarcando uma visão ora idealizada dos europeus, ora estereotipada dos “outros” habitantes do planeta. As figuras eram atraentes e humanizadas e algumas se apresentavam até com dignidade e força, o que garantia a minha total empatia na época, principalmente os europeus e asiáticos, os mais delicados e atraentes, como mocinhos e mocinhas do cinema, espaço que eu já começa a frequentar na época. Hoje, relendo algumas descrições é possível perceber claramente que as escolhas das figuras e a descrição de suas atividades trazem não somente uma visão tendenciosa das diversas populações do



mundo, como também uma ideologia expressa em preconceitos definidos sobre raça e gênero, além de parcialidade no tratamento das histórias destes povos que se mantiveram sob a dominação colonial europeia durante tantos séculos de opressão.

FIGURINHAS FÁCEIS E OUTRAS DIFICÍLIMAS



Capa do álbum Raças e Costumes do Mundo Inteiro, 1958



O álbum publicado há mais de cinquenta anos não apresentava nenhum tipo urbano ocidental contemporâneo, de forma que se trata de um mergulho nas diversas tradições de cada continente. Cada sessão principia mostrando um mapa ilustrativo do continente incluindo figuras de animais e plantas, que aparecem ao lado de alguns nativos. Em seguida, vem a sequência das figurinhas, em plano médio, dos principais tipos com seus trajes característicos; para cada parte do mundo apresenta-se sempre um mapa e três páginas com nove cromos cada. Ainda que muitas das figurinhas fossem desenhos de criação de seus autores a partir de um imaginário da região, outras nitidamente eram cópias de fotografias que apresentavam os contextos de países e regiões, seus trabalhos e suas formas de se vestir, com detalhes de sombras difíceis de serem capturados a olho nu. Existem algumas que retratam grupos em movimento, em que as figurinhas precisam ser coladas juntas para completar a cena coletiva, que apresentam claramente características do desenho de história em quadrinhos. As cenas de grupo de pessoas são uma novidade da edição brasileira.

O que mais chama atenção na representação da América do Sul é a ausência de brancos, com exceção a parte

do Brasil. Ao relacionar etnia e traje, o álbum omite a figura do colonizador bem como dos trajes típicos contemporâneos do ocidente, isto em todas as seções do álbum. Destacam-se as características “selvagens e belicosas” de algumas etnias indígenas como, por exemplo, o guerreiro Xamacoco do Chaco (figura 16). Embora conheça “as armas do homem branco, não faz uso delas, preferindo as suas próprias.” O enunciado deixa transparecer um conflito existente, mas não admite que os brancos são, de fato, os invasores da terra do indígena “guerreiro”. Já os representantes da etnia Kihua, “povo rebelde, cujo império foi destruído pelos Incas” vive “pacificamente” no território equatoriano (figura 25). A religiosidade dos povos nativos é tratada com desconfiança, pois o xamanismo dos índios de Serra Nevada (Colômbia) é considerado uma “feitiçaria que pretende curar os doentes da região.” (figura 27). No Brasil profissões típicas como seringueiro, garimpeiro, jangadeiro, secadora de caroa, gaúcho campeiro, colhedora de uvas são todas caracterizadas por pessoas de cor branca. Toda estas estampas são compostas por figuras desenhadas sem modelos fotográficos, o que demonstra que se trata de algo bastante fictício, fruto de um imaginário, do ponto de vista do colonizador.



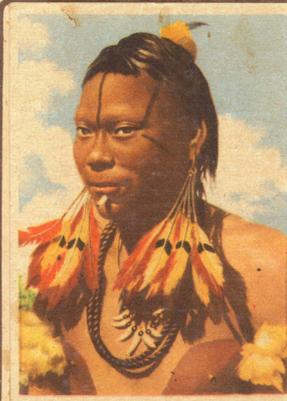
55. INDIO BORORO.
Outora selvagens, os Bororos estão hoje pacificados, graças ao trabalho da Comissão Rondon. Vivem sobretudo da caça e da pesca, na região dos rios das Gargas e S. Lourenço, em Mato Grosso, onde habitam.



56. INDIA UAUARA.
Vive na região do rio Tamitotoala, em Mato Grosso, e é um tipo de beleza da sua tribo. As mulheres Uauaras são hábeis na fabricação de panelas de barro, que trocam por enfeites e canoas com outras tribos.



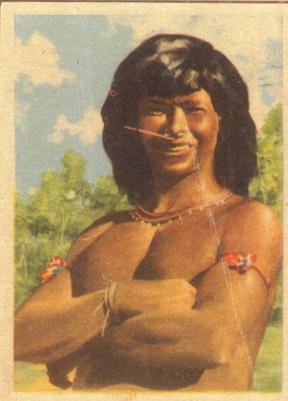
57. AROETORARE ou EVOCADOR DE ALMAS.
É da tribo dos Bororos e está em traje de gala, com o diadema de penas de arara, próprio da sua alta função. Tem papel saliente em certas cerimônias fúnebres.



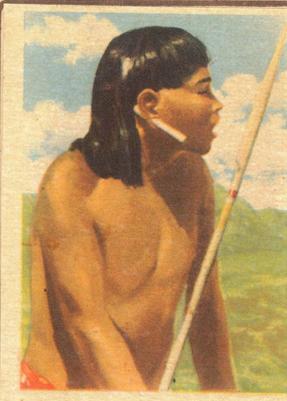
58. CHEFE UMUTINA.
Os Umutinas vivem na região entre os rios dos Bugres e Cuiabá, em Mato Grosso. Têm o nome de "Barbados", porque, quando em guerra, põem barbas postiças, com as quais julgam afugentar seus inimigos.



59. INDIO APIACA.
O Apiacá é um índio manso, de porte regular e hábil na arte da cerâmica. Fala o guarani. Dedicava-se sobretudo à pesca, nos rios Sumidouro e Arinos, da região onde vive, no Pará, mas cultivava também o milho.



60. INDIO NHAMBIQUARA.
Vive no vale do rio Juruena, na região da Serra do Norte, em Mato Grosso. A tarefa de pacificar estes índios foi dura, e só em 1919 é que o homem branco conseguiu estabelecer com eles relações amistosas.



61. INDIO XAVANTE.
A tribo dos Xavantes é uma das mais feroces do Brasil e até 1946 repeliu qualquer entendimento amistoso com o homem branco. Vive em Mato Grosso, na região entre os rios Preto e das Mortes.



62. INDIO CUIGURO.
Habitantes da região dos rios Culuene e Curisevo, Mato Grosso, os Cuicuros fabricam ornamentos e instrumentos de concha, a que dão forma artística, e os trocam por outras mercadorias das tribos vizinhas.



A questão da rebeldia de índios e a posterior “pacificação” dos mesmos é ressaltada nos cromos que representam os Bororos (figura 55), os Xavantes (figura 61), Nhambiquaras (figura 60) e Umutinas (figura 58), num total de 12 estampas representando os nativos. Apenas os secadores de café e a baiana são negros. Não existe nenhuma menção à variedade dos tipos de afro-brasileiros e seus vestuários, presentes sobretudo em seus rituais e folguedos.

Há um terrível erro em relação às etnias da população da América Central, pois consta que todos os seus índios são descendentes dos antigos Maias e “que ainda conservam, dos seus antepassados, a cor da pele e os traços fisionômicos.” (índio da América Central, figura 71). E no caso da Guatemala “tem hábitos e línguas iguais às dos mexicanos, são de raça mista e alguns usam trajes curiosos.” (rapaz Guatemalteco, figura 78). Sabemos que cada etnia da Guatemala se veste a sua própria maneira com tecido confeccionado manualmente e que o ponto comum entre a Península de Iucatan Mexicana e grande parte da Guatemala é a continuidade da

presença da cultura Maia, viva, com seus rituais, danças e, inclusive, seu teatro pré-hispânico, o Rabinal de Achí, como analisamos no volume 2 desta coleção.

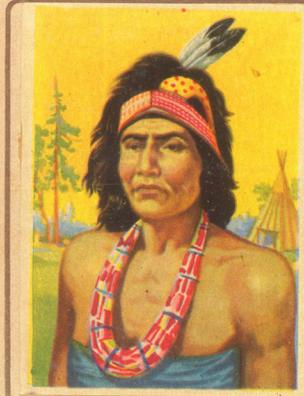
Em relação à América do Norte, chama atenção, primeiramente, a inclusão do Havaí, por tratar-se de um território Norte-americano, indicando claramente uma escolha política e não geográfica. Na seleção de imagens é possível observar ainda o destaque dado aos grupos indígenas extintos, como é o caso dos índios Abenaki (figura 95) “que perderam sua independência em 1890”, os Pa-Utah (figura 101), que foram combatidos pelos brancos a partir de 1850, os Mandano (figura 97) dos quais “diz-se que descendiam de um ramo Viking, chegado a América no século XII” sem, contudo, indicar a causa deste desaparecimento. Existem ainda os que sobreviveram como os Dakota (figura 102), os Sioux, “que tinham fama de belicosos” (figura 98), bem como os Chipeways (figura 106), classificados como “outrora guerreiros cruéis [que] viviam em constante luta contra os homens brancos” e que hoje também se encontram “pacificados”, vivendo em parques nacionais.



98. SIOUX.
Os Sioux abrangem vários grupos de peles-vermelhas, que tinham fama de ser os mais belicosos da América do Norte. São cerca de 25 mil e vivem em parques nos Estados de Minnesota, Montana e Dakota.



99, 100. A VIDA NUM IGLU.
Nas regiões frígidas do Ártico não existem árvores nem palha para a construção de cabanas. Por isto, os Esquimós servem-se de blocos de gelo e, unindo-os hábilmente em forma de cúpula, edificam as habitações onde vivem com as suas famílias. Estas habitações típicas chamam-se "iglu", palavra que significa, justamente, casa de neve.



101. CHEFE DOS PA-UTAHS.
Os Pa-utahs são índios norte-americanos do ramo Ute, que vivem nos Estados de Colorado, Oregon e Utah. A partir de 1850 foram combatidos pelos brancos.



102. GRANDE CHEFE DAKOTA.
Os Dakotas habitavam no Estado de Minnesota, na região dos grandes lagos. Hoje estão quase extintos, e da sua tribo só poucos indivíduos sobreviveram.



103. JOVEM SHOSHON.
Os Shoshones são índios norte-americanos, hoje em número de poucos milhares, que vivem confinados nas montanhas do Estado de Oregon. A pena enfiada no cabelo indica que este índio é bom caçador.



104. CHEFE ARAPAHO.
Tribo de guerreiros nômades que outrora viviam na região do rio Yellowstone, nos E. U. A., os Arapahos estão hoje confinados nos Estados de Oklahoma e Wyoming. Os franceses chamavam-nos "barrigudos".



105. ÍNDIA KIOWA.
Os Kiowas, de que hoje sobrevivem apenas mil indivíduos, habitam no Estado de Oklahoma, nos E. U. A. São pacíficos e sabem fabricar tecidos de lã multicores, com que fazem as suas roupas.



106. CHIPEWAY.
Outrora guerreiros cruéis que viviam em constante luta com os homens brancos, os Chipeways pertencem à tribo dos Atabascos e habitam a região próxima do lago Atabasca, no Canadá.

Cromos representando as etnias indígenas norte-americanas.



É interessante perceber a síntese da formação da população do México a partir da descrição do cromo de uma família típica mexicana:

indivíduos irrequietos, que trazem no sangue o espírito guerreiro Asteca, a alma artística dos Maias, a astúcia dos Toltecas e a natureza selvática dos Cicimecos, povos já extintos mas que deixaram profundos vestígios nas diversas raças de índios da América. Em virtude da obra de colonização da Espanha, os mexicanos são considerados um povo latino. (figuras 107-108)

Não sabemos qual foi exatamente a contribuição dos espanhóis para os nativos além dos saques, da eliminação massiva de milhares dentre os diversos povos conquistados, para impor seu regime, sua língua e religião. Certamente, o enunciado nem sequer insinua sobre as outras colonizações e massacres ocorridos nas Américas. Apenas uma única palavra “extintos” justifica os milhares de indígenas que foram destituídos de suas terras e dizimados, nesta parte do Hemisfério Norte.

Já as figuras escolhidas para a seção

da Europa parecem ter saído de filmes épicos de Hollywood. Lindas e jovens espanholas, portuguesas, holandesas e italianas: aldeãs, moleiras, cantadeiras, vendedoras de peixes aparecem ao lado de pescadores, montanhese, monges, gaiteiros e guardas de torre. Muitos adjetivos são usados para enaltecer a cultura e a nobreza destes povos “ativos, de belo porte e fiéis aos seus clãs” (como o circassiano do Cáucaso, figura 165), constatando sempre em algum grupo “velhas tradições, de grande cultura e progresso industrial, o seu povo tem um alto padrão de vida” (mulher sueca, figura 159), evidenciando também “uma nação culta e laboriosa. Seus habitantes são grandes patriotas e tem apego às tradições dos seus ancestrais” (camponês tcheco-eslovaco, figura 158); da mesma forma um “povo trabalhador e tenaz” (aldeã holandesa, figura 157). E parecem ter descoberto a fórmula ideal de conciliar tradição e progresso pois “o alto nível de vida e cultura de seus habitantes não impedem que eles conservem as belas tradições de antanho” (aldeã suíça, figura 156), pois além de tudo se caracterizam também como um “povo laborioso e sóbrio” (gaiteiro galego, figura 134), destacando-se o privilégio do ambiente geográfico, pois “as suas frutas e riqueza de seu solo são afamadas no mundo todo” (valenciana, figura 137).



<p>141. MULHER SARDÁ. É proverbial a beleza das mulheres da Sardenha, ilha pertencente à Itália, da qual está separada pelo mar Tirreno. Conservam até ainda os seus trajes tradicionais, que, como bem vemos, são bastante vistosos.</p>	<p>142. PESCADOR NAPONITANO. Cruzeiros pelo sul a pelo do marinho, os pescadores como este vestem a sua atividade nas costas da Campânia, região onde está situada a cidade de Nápoles e o Vesúvio, com os seus arquipélagos.</p>	<p>143. MULHER DO TRENTINO. O Trentino é uma região essencialmente alpina, do norte da Itália, junto à fronteira austríaca, e foi teatro de combates importantes durante a primeira guerra mundial.</p>
<p>144. ALBACIANA. Esta bela, com os seus trajes típicos, vive no Albânia e Lomra, região pertencente à França, mas que após a guerra de 1912-13 foi anexada à Alemanha, em cujo poder ficou durante mais de 40 anos.</p>	<p>145. MULHER ALBANEZA. O povo Albanês, que habita uma território estendido entre a Jugoslávia e a Grécia, descendente dos antigos Ilírios e é constituído de duas grandes raças distintas, um fixado ao norte e outro ao sul.</p>	<p>146. MONTANHÊS DO TIROL. Esta montanha e bela região alheia situada nos Alpes, entre a Itália e a Suíça. Ocorre profícua do antigo Império Austro-Húngaro, após a guerra de 1914-18 foi dividida entre a Austria e a Itália.</p>
<p>147. ALDEIA DA FLORESTA NEGRA. A Floresta Negra é uma região cheia de bosques e montanhas, onde nasce o rio Danúbio, e que se estende ao sul de Alemanha, junto das fronteiras da Suíça e França.</p>	<p>148. AUSTRIACO. A Austria, situada na Europa central, constituiu parte do Império Austro-Húngaro, que desapareceu após a guerra de 1914-18. Anexada à Alemanha durante alguns anos, é hoje de nova independência.</p>	<p>149. MONJE CIPRIÓTICO GREGO. Este monge vive com os outros monges do mundo, erguido no topo do monte Atos, na Grécia. Pertence à religião ortodoxa grega, que difere da católica por não reconhecer o Vaticano.</p>

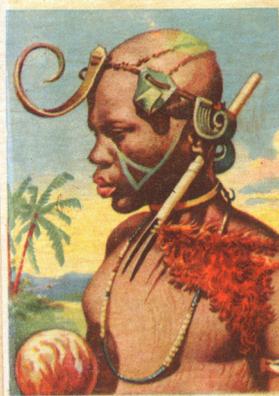
Cromos representando as diversas etnias da Europa.



À Ásia se oferece uma visão ainda mais lúdica, seus povos são apresentados como aqueles que amam as artes, a religião, a dança (dança hindu, figuras 176, 177 e 178), o teatro (atriz Siamesa, figura 208) e a produção do arroz e do chá. Destacam-se também como “exímios cavaleiros” (cossaco, figura 162), muitos deles nômades (moça de astracã, figura 192), outros “ferozes e sanguinários quando em guerra” (menina turcomana, figura 180) e em outras regiões se mostram “sóbrios e robustos” (mercador afegane, figura 188) ou ainda são “inteligentes e afáveis” (princesa hindu, figura 210). Apenas um grupo está “dividido em duas classes: a indígena e a civilizada” (mulher dravidiana, figura 196).

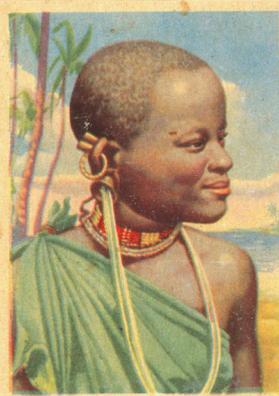
Na África, pastores, caçadores, grande parte convertidos em muçulmanos antes da colonização europeia estiveram e, mesmo na época da edição do álbum, muitos continuaram sob o domínio de países europeus como Inglaterra, França, Bélgica, Espanha, Holanda e Portugal. Muitos deles nômades, com “curiosas tradições” (mulher etíope, figura 235) como “traficar escravos” e “comprar a esposa para se casar” (mulher somali, figura 236); aliás, esta característica aparece ainda em

outras duas descrições com mais ênfase: “os nativos tem costumes primitivos, entre os quais o de comprar no mercado as suas esposas” (moça de Dankali, figura 238) e, ainda, “apesar da influência portuguesa, ainda prevalece o costume de comprar mulher para casar” (mulher angolense, figura 246). “As mães tem grande afeição pelos filhos, embora o casamento, não seja para elas um vínculo muito estável e sólido.” (mãe cunama, figura 242), outras mulheres africanas “levam uma existência bastante primitiva nas florestas” (pigmeia, figura 244) e “gostam de usar estranhos enfeites” (indígena da Guiné, figura 245). Em relação às religiões africanas é possível perceber um julgamento sobre um suposto estágio de evolução inferior, pois os “nativos de raça negra, maometanos, possuem alguma civilização” (negro de Dafur, figura 237), enquanto os outros pertencem a um grupo mais atrasado em suas formas religiosas, considerados “idólatras” (indígenas da Costa do Ouro, figura 260 e 261); existem ainda os que “são extremamente supersticiosos” (conguês, figura 272), não por coincidência estes dois últimos grupos pertencem ao maior contingente de africanos trazidos para o Brasil entre os séculos XVI e XVIII.



248. NEGRO KAVIRONDO.

Este indígena, que vive na região do lago Vitória, apresta-se para iniciar uma cerimônia sagrada. Tem o corpo coberto de barro, as orelhas perfuradas por bambus e empunha uma cabeça para as danças rituais.



249. TIPO KIKUIO.

A tribo dos Kikuios é uma das mais guerreiras da África. Dele provém o maior contingente da famosa seita dos mau-maus. Vive na parte mais densa da selva de Quênia, onde abundam elefantes e cobras.



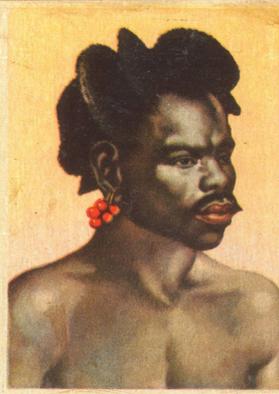
250. FEITICEIRO MASSAI.

É de uma das mais curiosas raças africanas. Os seus adornos são dentes de javali e de leão. E as listas pintadas no rosto têm, aos olhos da sua tribo, virtudes mágicas.



251. SUDANESA.

O Sudão é uma vasta região situada na África central e limita ao norte com o Saara e o Egito. Estêve por muitos anos sujeito ao domínio anglo-egípcio, mas hoje em dia constitui um país independente.



252. CAÇADOR ZULU.

Os zulus constituem uma subdivisão dos cafres e vivem na região de Natal, na África do Sul. São grandes caçadores de elefantes e leopardos, açoitando as feras com lanças e escudos.



253. MULHER CAFRE.

O termo "cafres" é usado pelos árabes para indicar todos os infidéis. Os negros cafres vivem na região sudoeste da África e são considerados os homens mais altos do mundo. Distinguem-se pelo seu esplêndido físico.



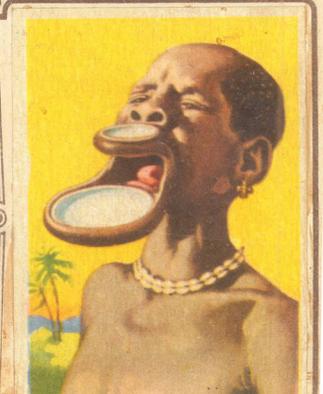
254. GUERREIRO UMDA.

Pertence à raça banto e é muito respeitado pelos membros da sua tribo. Tem enorme resistência física e a sua principal ocupação é a guerra. Seus adornos são feitos de ossos de animais e de plumas de aves.



255. MULHER BECHUANA.

Os indivíduos desta raça vivem na parte central da África do Sul. Dada a sua índole pacífica, são utilizados nas minas de diamantes do Transval. Casam-se aos 14 anos e o seu deus chama-se Morimó — astuto.



256. MULHER JARA-DJINGE.

Considerada tipo de beleza na sua tribo. Seguindo o costume das demais mulheres, e como sinal de elegância, fura os lábios e nêles encaixa pequenos discos de madeira, substituindo-os depois por outros maiores.



Muitos trabalham com a venda de mercadorias e “levam uma vida de constante marcha pelo deserto (árabe nômade do deserto, figura 239) e outros com a criação de cabras, gado, pesca e caça. O “instinto da guerra” é também evidenciado em algumas situações, apresentando uma “enorme resistência física e a sua principal ocupação é a guerra” (guerreiro umda, figura 254), embora considerados muito atrasados nesta tecnologia, “guerreiros ainda usam armas de pedra” (tipo bosquímano, figura 262); outros parecem ter alguma razão para lutar “constante luta pela independência da terra (rifenho, figura 265), diferentemente “os malgaxes que se são misto de raça negra e malaio, com alguns traços de branco são pacíficos” (tipo malgaxe, figura 247). O cruzamento de etnias parece, neste caso, ser um elemento pacificador. Interessante também a classificação de indígena dada também ao africano, ao asiático e às comunidades da Oceania, como veremos em seguir, sem dúvida parte de um discurso colonialista.

O quadro da Oceania não muda muito em relação, principalmente, à África, evidenciando as feições “tipo negroide e tem o nariz proeminente”, contudo não se fala do nariz grande do italiano, do

judeu ou do árabe. Alguns estão em “em vias de extinção” (papua, figura 287), “em contínua diminuição” (indígena da Tasmânia, figura 291). Nesta ótica, as mulheres tem uma ideia de elegância esdrúxula, pois usam “aros de prata na orelhas que as transformam em horríveis penduricalhos.(mulher daiaque, figura 296), para outros “a principal ocupação é a guerra” (guerreiro durom, figura 290), outros com “costumes primitivos e que vivem em tribo, sob o mando de um chefe, geralmente feroz” (indígena das ilhas de Tonga, figura 292); quase sempre “indígenas são violentos e belicosos e se chamam ‘caçadores de cabeça’” (habitantes da Nova Guiné, figura 300), tendo também, algum dia, sido “piratas que assolaram os mares” (mulher beguis das Celebes, figura 302). Na parte habitada do conjunto de arquipélagos, destacam-se mais os tipos descendentes da chamada “raça amarela”, os nativos parecem viver em um mundo recordando “a paz que reinava no passado” (indígena das ilhas Salomão, figura 303), desfrutando de “vida primitiva e fácil” (guerreiro das Novas Hébridas, figura 304), a “vida simples e conservam seus ritos pagãos” (polinésio, figura 306), pois “vivem em choças e quase não trabalham pois a terra é muito fértil” (samoana, figura 308).



CONSIDERAÇÃO SEM FINALIZAÇÃO

Felizmente, as imagens tanto dos quadrinhos quanto do álbum me interessavam muito mais do que o que se escrevia sobre elas. Naturalmente o que havia de belo na civilização europeia era evidenciado, bem como o exotismo da Ásia com seus mistérios, danças e religiões. Da parte que me interessava mais, eu só percebia algo como “extermínio” pelo fato dos indígenas terem sido selvagens, rebeldes e não se adaptarem à vida do civilizado. Além disto, nunca fiz nenhuma ligação dos pele vermelha dos quadrinhos e os das figurinhas com os nossos nativos brasileiros. Parece que estes surgiram do fundo da mata, magicamente. Quando a mata acabava, eles morriam.

A variedade dos tipos físicos de africanos e africanas, assim como os dos asiáticos, era fascinante. Os primeiros, representado rebeldes, guerreiros, feiticeiros, não apareciam de forma contundente na diáspora para as Américas. Apenas quatro figuras representam afrodescendentes nas três Américas: a “Negra de Tobago”, vendedora de frutas (figura 72), a “mulher cubana”, a “baiana” (figuras 41 e 42) e as dos “jogadores de café” (figuras 44 e 45).

Entretanto, pareciam negros sem passado, estavam muito distantes daqueles da África, não pareciam seus descendentes. Guardavam mais semelhanças com os empregados dos meus heróis, Fantasma e Mandrake, pareciam-me demasiadamente ocidentalizados.

Ao rever mais cuidadosamente este álbum com a ótica de hoje, de um período tão distante da minha infância, percebo incríveis disparates que me eram extremamente naturais na ocasião, sobretudo na descrição dos personagens, da mesma forma nas relações opressivas que existiam entre meus heróis e seus subalternos e com as populações que diziam defender. As etnias africanas, asiáticas e ameríndias eram nitidamente lidas como exóticas, selvagens, sanguinárias e primitivas.

Não entendia muito, mas sentia falta de ver no álbum gente que eu conhecia à minha volta, que era negra. Não havia ninguém como a Maria Palmiteira, que batia na porta da minha avó, com seus cabelos grisalhos crespos, saindo aos tufos pelo lenço amarrado na cabeça e vindo do mato com palmitos frescos recém colhidos. Com sua pele negra brilhando na luz do sol, ela vinha falante, sorriso largo na boca com poucos dentes. Sua roupa clara



e larga, os pés invariavelmente descalços e com rachaduras nos calcanhares me chamavam atenção. Os palmitos ela trazia na cabeça, enrolados em um pano, como se fossem parte do seu penteado, de tão bem equilibrados. Quando não tinha palmito, ela passava trazendo apenas pequenos galhos secos de lenha, que ela colhia na floresta próxima para cozinhar. Eu queria ver também a figurinha da Tirolesa, sambando, tendo ao fundo a Escola de Samba Unidos do Rosário, com seu uniforme branco e azul de cetim, representando todas as passistas e baianas negras do Brasil. Maria Palmiteira e Tirolesa, deveriam ser as figurinhas mais difíceis para completar o álbum.

CONSIDERAÇÕES PARA FECHAR

Ao elencar experiências pessoais como espectador/participante do circo, do desfile de carnaval e da procissão, procurei dimensionar o impacto destas performances não somente na minha vida pessoal e artística, como na de artistas da minha geração. Em tudo que faço percebo como expansão do que comecei a descobrir assistindo estas performances. Por isso, também como acadêmico, tenho me colocado na trincheira da defesa destas tradições populares, por percebê-las presentes não somente no

meu trabalho, mas no de uma geração de atores, performers, artistas, escritores e músicos, cujas fontes foram e continuam sendo as performances culturais, do ritual ao entretenimento popular. Portanto, a experiência estelar é uma forma de percepção de uma continuidade de um passado no presente, independente do discurso político que recai sobre ela, diz respeito ao encontro com as grandes tradições orais, sejam elas africanas, ameríndias, turcas ou mesmo europeias, eternos referenciais, fontes inesgotáveis de sabedoria, em tempos que se vislumbra um futuro melancólico, em que o único credo está nas “religiões dos livros” ou transfigurada num materialismo histórico.

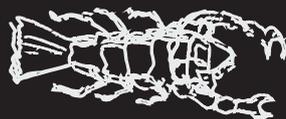
Talvez, cenas de pura liberdade corporal sem o chamado apelo sexual, característico dos nossos tempos, tornam-se desinteressantes ou demasiado déjà vu para alguns, mas para outros como eu, criado em um ambiente repressor de uma cidade do interior na década de 1950, continua sendo uma espécie de performance estelar, através da qual a lembrança se desprende da razão e ilumina outros momentos, de criação futura. Em meados da década de cinquenta, nos meus primeiros anos, as performances culturais me trouxeram um novo referencial, com uma espontaneidade e liberdade



corporal jamais imaginada, numa relação direta com as tradições populares da qual, nós da classe média, não tínhamos nenhum conhecimento embora os contatos existissem compartilhando eventos comuns como o carnaval, a procissão, o circo. Percebo que muitas destas experiências de espectador infantil ficaram gravadas na memória, talvez por ter me identificado profundamente com elas. Mas o fato é que, mesmo que as grandes cenas de cortejo tenham desaparecido da minha vida, restaram pequenos flashes, os quais denomino aqui de microperformances. Delas eu, criança, mesmo não podendo participar plenamente, mas como espectador, me entretinha com jogos mentais derivados da real experiência de tê-las visto uma ou mais vezes. Era onde me percebia, muitas vezes, como espectador completamente participante. Naturalmente poderíamos aplicar teorias freudianas para entender estes processos mentais associando ao psicologismo do ego ou coisa parecida, ou mesmo às teorias de inconsciente coletivo, de arquétipos de Jung com as quais sou mais familiarizado, mas não se trata de estudar os símbolos nem os mitos, mas de como determinadas performances, de quando em quando, parecem ganhar vida como uma espécie de referencial primeiro.

Poderia, a título de investigação, diferenciar a “performance” da “imagem”. A simples imagem, seria apenas um elemento da performance. Na medida em que outro elemento como a música, as palavras arquivadas em algum HD (arquivo de memória) no recôndito da mente voltam a aparecer em conjunto e, muitas vezes, com o diálogo, o cheiro, a cor...pronto, é mais uma microperformance que se descortina! Não precisa ser um “trauma”, nem “neurose”, nem “arquétipo”. É puro exercício lúdico colorindo o momento.

Ao estudar o impacto do imaginário preconceituoso das histórias em quadrinhos de três heróis norte-americanos em relação às crianças da minha geração, procurei também lançar um olhar sobre um álbum de figurinhas editado no mesmo ano em que completei oito anos (1958). Para uma criança curiosa, ver um gibi (no começo eu era analfabeto, mas folheava mirando as imagens várias vezes para imaginar, afinal, o que tanto falavam em balões incompreensíveis) e depois ler as histórias em quadrinhos completas, passou a ser uma experiência importante, mas de outra natureza. Da mesma forma, intenso era o momento de abrir o envelope e entender quem estava na figura que eu segurava em minhas mãos. Eram cromos lindamente coloridos,



apresentando um mundo que eu não conhecia com guerreiros, lavradores, pescadores, tecelãs, vendedoras em trajes típicos deslumbrantes, de várias regiões do planeta. A partir daí comecei a sonhar com um mundo multicultural, pacífico, harmônico. Esperava ansiosamente o próximo domingo quando Pepino, o velhinho agitado e cheio de energia que vendia jornais e revistas, visitava a nossa cidade trazendo estes personagens tão esperados nas figurinhas, para eu visitar também outras cidades e países. Meus amigos também colecionavam estas figurinhas, de forma que também trocávamos as repetidas ou, ainda, disputávamos as mais difíceis no “bafo-bafo”, tentando virá-las com as mãos em concha, sendo proibido colocar um pouco de cuspe para facilitar a jogada.

O primeiro contato com o mundo das imagens é de suma importância, pois é um momento de revelação e que anuncia a conexão inevitável que para sempre ligará nossa sensibilidade com o mundo da informação imagética. Após estes primeiros contatos, acontecerá inevitavelmente o impacto de uma avalanche de histórias pesadas que virão a seguir, enaltecendo tipos de comportamentos racistas, machistas, homofóbicos, sexistas etc., calcados na visão idealizada de um

mundo eurocêntrico, em que a violência parece ser o único elemento natural do ser humano, que não vê limite e não poupa esforços para adquirir mais dinheiro e se enriquecer.

Como autores que nunca publicam, vamos continuamente transformando o enredo do nosso passado, como um jogo muito próximo do universo da performance, ou seja, entre o que é e o que pode ser. Interagimos com a lembrança e por meio de novas análises procuramos desvendar do que se constituiu realmente o nosso passado e de como isto afeta ainda nossas vidas, já que somos hoje o acontecimento, o fruto, a projeção do que se passou conosco no passado, na medida em que, conscientemente, o escolhemos como aceitável, na medida em que nos tornamos conscientes de que somos sujeitos da nossa própria história.

Nossas lembranças, de alguma forma, são alimentadas pelos eventos que vivenciamos hoje, pois como “experiências estelares” do nosso passado, lançam luzes sobre nosso presente, assim como nossa consciência deste instante, do momento atual, lança luzes sobre como éramos antes. Em nossa sociedade, pensamos e tratamos muito mais dos traumas do que dos momentos de profundo prazer



e gozo da liberdade na vida e na cena. Somos treinados a perceber como podem os traumas, de alguma forma, lançarem sombras sobre nosso presente causando desconforto em determinadas situações associadas à vivência do passado. Mas nossos ensaios de liberdade e profundo prazer não são vistos como memórias.

Por outro lado, estamos tão preocupados em reordenar nossa história passada de forma exemplar que, muitas vezes, nosso presente se torna vazio de acontecimento. Vez por outra, fingimos esquecer quem somos. Dramatizamos o nosso passado enquanto narração. Idealizamos e sonhamos nosso presente, repassando o mesmo enredo com variações sutis; se é lenda, mito ou conto, depende da hora, do dia, do lugar e do que se está narrando como memória. Por isso, é muito interessante, no escuro da noite, permitir que as “lembranças estelares” aflorem com suas microperformances e seus enredos cômicos e dramáticos. Existe um público carente de verdade em cena e na vida, e podemos perceber isso se verdadeiramente formos sinceros com a nossa memória.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. A indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVSTAS. Raças Humanas - Coleção Cultura. Portugal: Agência Portuguesa de Revistas, 1956.

BENJAMIN, Walter. Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2012.

CASA EDITORA VECCHI. Locomoção através dos tempos. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1958.

CASA EDITORA VECCHI. Ídolos da tela. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1953.

CASA EDITORA VECCHI. Raças e Costumes no mundo inteiro. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1958.

CONNERTON, Paul. Como as sociedades se lembram. Lisboa: Celta Editora, 1999.

EDITORA BRUGUERA. Razas Humanas. Espanha: Editora Bruguera, 1955.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

MANSANO, Sonia Regina Vagas. "Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade". In: Revista de Psicologia da UNESP. São Paulo, UNESP, 8 (2). 2009.

PESSOA, Ida. Martha Rocha - uma autobiografia. Editora Objetiva, 1999.

TAYLOR, Diana. Arquivo e Repertório: performance e memória social nas Américas. BH: Editora UFMG, 2013.

MIMOSO, João Manuel. A agência portuguesa de revistas, a ideia que valia milhões (1956-1957). : <<http://www.historia.com.pt/APR/APR5.htm>>.

SITES

<http://www.deepwoods.org/phantom.html>

<http://www.toonopedia.com/mandrake.htm>

<http://www.graphiqbrasil.com/cartunistas/alextoth.html>.

<http://www.dynamite.com/htmlfiles/viewProduct.html?PR0=C106777>